

Os cursos de geografia física de Kant

Kant's Courses of Physical Geography

Jorge Conceição

Pós-doutor | UNICAMP

RESUMO

Neste artigo indicaremos que a proposição fundamental dos cursos de Geografia física de Kant é: *o homem é habitante da Terra*. Para validar essa tese, alinharemos a metodologia utilizada por Kant nos cursos de Antropologia e de Geografia física, a fim de evidenciar as convergências e divergências desses cursos. Além disso, também compararemos a metodologia empregada por Kant na História natural e na Geografia física, porque a distinção entre essas ciências nos permitirá ratificar a tese aqui defendida e delimitar os critérios de validade da proposição acima indicada. Em *Physische Geographie*, Kant diferencia as proposições dessas disciplinas da seguinte maneira: as proposições geográficas se referem aos homens como habitantes da Terra, mas os investiga sem nenhuma perspectiva histórica, ou seja, os investiga no tempo presente. Ao contrário disso, as proposições naturalistas investigam os seres humanos em uma linha temporal sucessiva, a fim de demonstrar o que natureza fez deles. Dito isso, o problema central da história natural é demonstrar que os diferentes povos possuem uma origem comum e o problema central da geografia física é demonstrar de que maneira o habitat influencia no processo civilizador, moralizador, político e religioso dos diferentes povos.

PALAVRAS-CHAVE

Geografia física; Antropologia pragmática; Cidadão do mundo; Habitante da terra; História natural.

ABSTRACT

In this article we will indicate that the fundamental proposition of the courses of physical Geography of Kant is: *the man is a inhabitant of Earth*. To validate this thesis, we will align the methodology utilized by Kant in the courses of Anthropology and physical Geography, in order to evidence the convergences and divergences of these courses. Besides that, we will compare the methodology employed by Kant in the natural History and in the physical Geography, because the distinction between these sciences will allow us to ratify the thesis here defended and to delimit the criteria of validity of the proposition indicated above. In *Physische Geographie*, Kant differentiates the propositions of those disciplines in the following way: the geographical propositions refer to the men as habitants of Earth, but investigate them without any historical perspective, in other words, investigate them in the present tense. Unlike this, the naturalists propositions investigate the human beings in a temporal successive line, in order to demonstrate what the nature did of them. That being said, the central issue of the natural history is to demonstrate that the different people possess a common origin and the central issue of the physical geography is to demonstrate in what way the habitat influences the civilizing, moralizing, political and religious process of the different people.

KEY WORDS

Physical Geography; Pragmatic Anthropology; World's Citizen; Inhabitant of the Earth; Natural History.

Introdução

Os cursos de Geografia física de Kant foram ministrados de 1755\6 até 1796, em uma carta enviada a Herz em 1773 (*Br* 10:144-146), ele chamou esses cursos de instruções introdutórias [*Vorübung*] acerca do Conhecimento do mundo [*Weltkenntnis*]. Esse tipo de conhecimento foi formando pela junção entre os cursos de antropologia e de geografia física, o primeiro tematiza o homem e o segundo a natureza. Ambos os cursos eram caracterizados por uma metodologia didática comum, que era a popular, a qual exige do orador um conhecimento prático do mundo e dos homens, ou seja, dos conceitos de gosto e inclinações. (*Log* 9:47) Acerca desses cursos, Kant afirmou: “as experiências da natureza e do homem combinadas constituem o conhecimento do mundo. O conhecimento do homem nos é ensinado pela *Antropologia*, devemos à *Geografia física* [*physischen Geographie*] ou descrição da Terra [*physischen Erdbeschreibung*] o conhecimento da natureza.” (*PG* 9:157) Ambos os cursos são tidos como parte do conhecimento do mundo, mas em 1773, Kant distinguiu as instruções de geografia física das instruções de antropologia.

Em uma nota de rodapé da *Antropologia de um ponto de vista pragmática*, o autor esclarece que a presente obra procede de seus manuais dos cursos de antropologia, mas que o mesmo não poderá ser feito com os seus manuais do curso de *Geografia física*, pois os mesmos são ilegíveis para qualquer outra pessoa além dele. (*Anth* 7:122) Além disso, Kant também esclarece que devido a sua idade avançada essa tarefa não poderá ser realizada, logo não haverá nenhuma publicação dos manuais dos cursos de antropologia na forma de um texto editado por ele. A edição desses cursos foi realizada por Rink em 1802, essa recebe o nome de *Physische Geographie* e compõem o volume IX das obras completas de Kant. No início do século XX, Adickes tentou organizar uma nova versão dos cursos de *Geografia física*, a partir dos cadernos utilizados por Kant nesses cursos, mas isso foi impedido, porque Werner Stark preparava o volume XXVI da *Akademie*, no qual essas aulas e cursos estão listados.

A relação entre o curso de *Geografia física* e o curso de *Antropologia* é tematizada por diversos pesquisadores kantianos. Por exemplo, Brandt (1999) e Zammito (2002) contestam o papel da geografia física no curso de antropologia, pois os cursos de antropologia são diferentes dos cursos de geografia física como indicado pelo próprio Kant. (Cf. *Br* 10:144-146) Hinske (1986) e Loudon (2000; 2011) destacam que o plano sobre os cursos de Geografia física apresentado em *Nachricht von Einrichtung seiner Vorlesungen in den Winterhalbenjahren von 1755\6* foi reaproveitado por Kant em seus cursos sobre antropologia, uma vez que a geografia física era uma parte do conhecimento do mundo [*Weltkenntnis*] e a outra parte era a antropologia. Todavia, neste artigo procuraremos determinar qual é o método utilizado por Kant

em sua investigação geográfica, uma vez que já sabemos que em suas aulas ele utilizava a metodologia popular. De antemão, poderíamos afirmar que a geografia física enquanto ciência era fundamenta pela doutrina da observação, mas isso não resolveria o problema, porque não determina de que maneira ele organizava as suas observações. Dito isso, defenderemos que o problema central dos cursos de geografia é determinar a validade da seguinte proposição: o homem é habitante da terra. Para isso, defenderemos, examinaremos, inicialmente, a definição de mundo desenvolvida nesse curso.

O estatuto lógico da proposição: o homem é habitante da Terra

Acerca do método da *Geografia física* de Kant, Rink dissera o seguinte na apresentação dos cursos organizados por ele: “O método escolhido por ele nas conferências de Geografia física reside na natureza dos objetos e, portanto, em parte por causa das suas várias palestras preparadas de acordo com isso, o que ocorre nos escritos apógrafos com mais ou mesmos desvios”. (PG 9:153) Segundo o editor do texto, nos cursos de *Geografia física* tanto o mundo quanto o homem são problematizados como objetos do sentido externo, logo qualquer tipo de investigação acerca do homem do ponto de vista interno não faz parte desses cursos, pois ele é tematizado como uma coisa no mundo. Em *Nachricht*, a metodologia investigativa empregada por Kant nos seus cursos de Geografia física é a doutrina da observação, porque o homem é problematizado como uma coisa no mundo. Dito de outro modo, nos cursos de *Geografia física*, o homem é tematizado do ponto de vista do mundo exterior, ou seja, como um objeto da natureza. Todavia, o editor destaca que devido às diversas palestras dadas por Kant pode haver discordância entre elas em relação ao modo como o homem é problematizado nesses cursos e a especificidade do método geográfico utilizado por Kant em sua investigação¹. Como já indicado aqui, a metodologia empregada por Kant tanto nos seus cursos de Antropologia quanto nos cursos de Geografia física era a popular, na medida em que essas aulas eram com-

¹ Essa informação é importante, uma vez que em 1797, Gottfried Dietrich Lebrecht Vollmer procurou Kant com a intenção de ser o editor de suas anotações dos cursos de Geografia física, mas ele recebeu uma resposta negativa dele. Mesmo com a negativa de Kant, Vollmer editou uma versão desses cursos intitulada *Kants physische Geographie*, e, para isso ele utilizou as anotações de três alunos que participavam dos cursos do semestre de verão. Essas anotações são dos cursos ministrados em 1778, 1782 e 1793. Feitas essas observações, a publicação do primeiro volume dessa obra organizada por Vollmer ocorreu em 1801, o segundo volume em 1802, o terceiro em 1803¹ e o quarto e último volume em 1805. Os dois primeiros volumes foram reeditados por Vollmer com o título *Physische Geographie nach Kantischen Ideen*, mas acerca das obras editadas por ele, Kant não as reconheceu como suas. A única edição dos cursos de Geografia física reconhecida por Kant foi editada por Friedrich Theodor Rink em 1802, que a partir de vários manuscritos desses cursos elaborou a obra *Immanuel Kant Physische Geographie*.

postas por exemplos práticos, que no caso da última são os diferentes temperamentos, caracteres dos povos e as diferenças dos sexos (gênero). Por causa da advertência apresentada pelo editor em relação aos cursos de Geografia física, delimitaremos a nossa investigação ao texto editorado por ele, uma vez que o nosso objetivo aqui é demonstrar de que maneira o homem é tematizado nesses cursos.

Em *Physische Geographie*, Kant propôs um conceito arquitetônico de mundo, na medida em que “temos que conhecer os objetos de nossa experiência no *todo*, de modo que nossos conhecimentos não constituam nenhum *agregado*, e sim um *sistema*. Pois no sistema o *todo* está antes das partes; no agregado, ao contrário, as *partes* estão antes.” (PG 9:158) Nesse texto, Kant apresenta uma definição de mundo similar a apresentada na primeira *Crítica*, na qual o autor o definiu da seguinte maneira: “a palavra mundo, em sentido transcendental, significa a totalidade absoluta do conjunto das coisas existentes e nós temos somente em vista a integridade da síntese,” (KrVB 448) porque a ideia cosmológica de mundo auxilia a nossa razão na concepção dele como um todo, pois na obra *Crítica* a totalidade não é mais do que a pluralidade considerada em uma unidade. Isto significa que, conforme descrito na tábuca das categorias (KrV 106-116), a totalidade é a unidade mediante a pluralidade. Neste sentido, a ideia de mundo, na primeira *Crítica*, refere-se à totalidade dos objetos da natureza, porque ele não é o agregado delas, mas sim a integridade de todos os seus objetos, essa definição se repete em *Physische Geographie*.

Para explicarmos a ideia de mundo como sistema e não como agregado, recorremos à categoria de totalidade desenvolvida na primeira *Crítica*, pois ela nos permite pensar a singularidade de um conceito como integralidade e não como agregado de coisas. Isso é possível se compreendemos a categoria de totalidade por meio do viés qualitativa e não quantitativa, dado que esse esforço filosófico nos permite entendê-la não como agregação das partes em um todo, mas sim como a integralidade de uma coisa mediante um conceito. Neste sentido, a ideia de mundo nos cursos de Geografia diz respeito à integralidade de todos os seus habitantes, o que não nos permite pensá-los como subordinados, agregados ou derivados, mas pensar a ideia de mundo como a integralidade de todos os seus habitantes.

Em *Physische Geographie*, o homem é problematizado como uma coisa existente no mundo, ou seja, como um objeto da natureza, mas isso não ocorre do ponto de vista fisiológico tal como ocorre na História natural, ao invés disso, o homem é investigado como habitante da Terra. De acordo com a primeira *Crítica*, as categorias de unidade, de multiplicidade e de totalidade devem ser consideradas no sentido material e não no sentido formal. Isto significa que, a categoria de quantidade não trata da análise dos quantificadores lógicos do ponto de vista do número de objetos existentes no mundo, porque devemos analisar a relação do predicado com o sujeito

e não a quantidade de objetos existentes no mundo. Assim, ao afirmarmos, por exemplo, *todos os homens são racionais*, o predicado racional estabelece uma relação de unidade ao conceito-sujeito, pois o predicado é atribuído a toda a extensão do sujeito como uma unidade. Em razão disso, nós não podemos afirmar a mesma coisa acerca da categoria de pluralidade, dado que neste caso vários predicados são atribuídos à extensão do sujeito-conceito como um princípio comum. Por exemplo, alguns homens são asiáticos, esse predicado pode ser aplicado apenas para uma parte do sujeito-conceito, pois o predicado asiático denota que o homem habita a Ásia. Deste modo, a categoria da totalidade procura estabelecer a unidade na pluralidade. Em outras palavras, poderíamos predicar o homem como africano, europeu e latino americano e dividir o último em chileno, brasileiro e argentino.

Em relação a categoria de totalidade, é importante ressaltar que ela é a junção entre a unidade e a pluralidade, na medida em que atribui uma unidade mediante a pluralidade. Por exemplo, o seguinte juízo: o homem é habitante da Terra. Ao predicar o homem como *habitante da Terra* nós estabelecemos uma unidade mediante a pluralidade de predicados que podem ser atribuídos ao conceito-sujeito, pois o mesmo pode ser predicado como africano, árabe e etc. Esse processo do ponto de vista qualitativo foi chamado por Kant de perfeição, dito isso nas palavras dele: “a perfeição, que consiste em reconduzir, por sua vez, o conjunto dessa pluralidade à unidade do conceito, em perfeita concordância com este e com nenhum outro; é o que se pode chamar da integralidade qualitativa (totalidade).” (*KrV B114*) Neste sentido, a integralidade (totalidade) não é quantitativa, uma vez que não se tematiza a totalidade das partes como um agregado, mas sim acerca da integralidade de um objeto enquanto princípio e unidade do conhecimento. Por fim, o predicado habitante da Terra nos permite realizar uma integralidade qualitativa, na medida em que atribui à ideia de uma unidade mediante a pluralidade, ou seja, refere-se à espécie humana em sua totalidade.

Feitas essas observações, a ideia de mundo em *Physische Geographie* trata da totalidade dos habitantes da Terra e o homem é um desses habitantes. Neste sentido, defendemos que a proposição fundamental nesses cursos é “o homem é habitante da Terra”, para demonstrar o que isso quer dizer, diferenciaremos a Geografia física da História natural a fim de demonstrar a especificidade da primeira.

A descrição física versus a história natural

Segundo Kant, podemos investigar o homem de duas maneiras, isto é, a partir da classificação conceitual e da classificação física [*physischen Einteilung*]. A primeira classificação é meramente lógica e por meio desta classificação obtemos um sistema da natureza ao estilo do proposto por Lineu. A classificação proposta por Lineu dos

seres vivos fundamenta-se a partir da estrutura, da função e do crescimento do corpo deles, pois o pesquisador agrupa esses a partir das suas semelhanças. Acerca disso, Kant alegou o seguinte: “digo, por exemplo: a espécie dos bovinos será contada sob o gênero dos animais quadrúpedes ou também sob a espécie destes animais com cascos rachados, assim, esta é uma classificação que faço em minha cabeça, portanto, uma classificação lógica.” (PG 9:160) Conforme Kant, a classificação lógica trata da organização dos seres existentes em reinos, classes e espécies, o que para ele é apenas um exercício para o entendimento, porque fragmenta as coisas no mundo em agregados. Por isso, esse tipo de classificação foi chamada de conceitual, na medida em que as partes estão antes do todo. Mas, segundo o autor, o todo deveria estar antes das partes, dado que a ideia de mundo, nos cursos de Geografia física, significa a integralidade dos seus habitantes. Por essa razão, não devemos utilizar a classificação dos seres vivos proposta pela História natural na investigação geográfica, porque nesses cursos os homens são descritos como habitantes da Terra e não como parte de um sistema de agregados.

Acerca da sua proposta investigativa nos cursos de Geografia, Kant afirmou o seguinte:

Em consequência da classificação física, as coisas serão consideradas agora, ao contrário, de acordo com os lugares [*Stellen*] que elas ocupam na Terra. O sistema destina o lugar [*Stelle*] na divisão de classes. A descrição geográfica da natureza indica os lugares [*Stellen*] nos quais estas coisas podem realmente ser encontradas na Terra. Assim, por exemplo, o lagarto e o crocodilo são fundamentalmente um e o mesmo animal. O crocodilo é apenas um lagarto imensamente grande. Porém, os lugares [*Örter*] nos quais este ou aquele moram na Terra, são diferentes. O crocodilo vive no Nilo; o lagarto na terra [*Land*] e também entre nós mesmos. No fundo, enxergamos aqui o cenário [*Schauplatz*] da natureza, a Terra em si e as regiões [*Gegenden*], onde as coisas efetivamente são encontradas. Todavia, no sistema da natureza será buscado não o lugar de origem, mas sim as formas similares. (PG 9:161)

De acordo com o que foi dito acima, a classificação física nos permite investigar os seres vivos a partir do lugar que nós os encontramos na Terra, isto é, eles são investigados como um objeto da natureza dado no tempo e no espaço. Para validar essa tese, Kant distinguiu o método investigativo da Geografia física do da História natural, pois segundo autor a última procura estabelecer a origem dos seres vivos e as suas similaridades com outros seres, o que não ocorre na Geografia física, que investiga os seres vivos a partir do lugar que os mesmos são encontrados na Terra. Ao contrário disso, a História natural investiga os seres vivos através de classificações, que não consideram a relação entre o habitat e o ser vivo.

Feita essa observação, é importante noticiar que Kant recusa a perspectiva investigativa da História da natureza [*Naturgeschichte*] em favor da descrição da natureza [*Naturbeschreibung*] em seus cursos de *Geografia física*, posto que, “a História da natureza contém a diversidade da geografia, como as coisas foram em diferentes épocas, mas não como elas são agora e ao mesmo tempo, pois isto seria, sim, de algum modo, descrição da natureza.” (PG 9:162) A recusa kantiana acerca do método investigativo da História natural nos cursos de Geografia física pode ser descrita da seguinte maneira: a *História natural* investiga o que a natureza fez e faz do homem, pois isso ele é tematizado numa concepção de tempo sucessiva e a Geografia física investiga os seres vivos como eles são agora e como esses seres ocupam lugares diferentes na Terra ao mesmo tempo. Em vista disso, podemos afirmar, que a classificação física e a descrição física consideram os seres vivos a partir dos diferentes lugares que ocupam na Terra, por isso não considera o agrupamento dos seres em classes, gêneros e espécie como proposto por Lineu e nem se propõe a narrar a história das transformações fisiológicas desses seres, mas propõe descrevê-los como habitantes da Terra.

Sobre a especificidade da História natural, Kant fez a seguinte observação:

Se considerarmos, por exemplo, como as diferentes raças de cães são originadas de um mesmo tronco e quais transformações se sucederam com elas mediante os diferentes países [*Verschiedenheit des Landes*] climas, reprodução, etc., através de todas as épocas, então isso seria uma história natural dos cães, e tal história poderia ser apresentada sobre cada parte específica da natureza, por exemplo, sobre as plantas e mais coisas comparadas. (PG 9:162)

A observação feita por Kant acerca da *História natural* trata da possível confusão do seu método com o da *Geografia física*, pois segundo ele, aquela evidencia as possíveis transformações as quais determinados seres vivos passaram, ou seja, considera a hipótese de um tronco comum para cada espécie de vivos e que as diferentes características físicas presentes numa espécie são resultantes das condições geográficas. Diferentemente disso, a descrição da natureza ocupa-se da descrição desses seres a partir do lugar no qual eles habitam na Terra e não se preocupa em recontar a possível história das transformações fisiológicas desses seres. Por isso, podemos afirmar que a descrição física da Terra objetiva descrever os seres vivos a partir do seu habitat, diferentemente da *História natural*, que através de uma conjectura histórica descreve as transformações fisiológicas dos seres vivos. Por fim, o método da Geografia física é a descrição física da Terra, pois visa examinar os seres vivos a partir do seu habitat, mas para realizar tal labuta não considera a classificação dos seres vivos proposta em classe, ordem e espécies e nem como esses foram no passado, ao invés

disso, ela descreve os seres vivos a partir dos seus costumes, da religião, da política e do comércio com outras nações.

A diferença entre as instruções de Geografia física e de Antropologia

De acordo com as indicações de Kant, a antropologia ocupa-se daquilo que o homem pode e deve fazer de si como um ser racional e livre e a geografia física descreve o homem como um habitante da Terra, dado que isso lhe permitiu aventar a hipótese da relação entre as condições geográficas do nosso habitat e o nosso comportamento. Por essa razão, em seus cursos de Geografia física, Kant considera o ser humano do ponto de vista externo, isto é, como um objeto da natureza. Segundo Cohen, “nos cursos de Geografia o ser humano não é considerado como um ser livre, mais especificamente como um habitante da Terra como as plantas, animais e minerais – se consideramos o homem como um tipo de coisa sobre a Terra”. (Cohen, 2009, p. 123) Para o último pesquisador, a Geografia física investiga o homem da perspectiva externa, mas isso não nos permite alinhar esses cursos com a segunda parte da *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, porque não se objetiva conhecimento interior do homem através do seu exterior, mas sim compreender a relação entre as condições geográficas e o modo de vida dos homens. Para o pesquisador, os cursos de Geografia física se diferenciam dos cursos de Antropologia, na medida em que neles o homem é investigado como uma coisa no mundo, que implica na descrição das diferentes religiões, temperamentos, costumes e comércios. Essa observação é importante, pois o método investigativo dessa ciência é a descrição física e, como já dito na seção anterior, esse tipo de descrição objetiva investigar as civilizações humanas a partir do lugar no qual cada uma delas vivem sob a Terra.

Acerca da noção de antropologia pragmática, Brandt afirmou isto:

Kant parece não ter falado de sua antropologia pragmática como uma disciplina filosófica. A antropologia pragmática é uma enciclopédia da filosofia kantiana em um nível empírica; ela não está integrada no sistema (trocando o conceito) da filosofia transcendental ou da filosofia crítica, mas coloca-se ao lado da filosofia propriamente, e ainda discute quais seus problemas na dimensão possível a uma disciplina no âmbito empírica. (Brandt, 1999, p. 8)

De acordo com o pesquisador, as diferentes definições de *antropologia pragmática* desenvolvidas nas diferentes versões dos cursos de antropologia de Kant são tratadas na dimensão de uma ciência empírica. É possível afirmar isso, pois os temas tratados nesses cursos em partes são diferentes dos temas da filosofia transcendental e o método utilizado também é diferente, pois neles Kant nunca se indagou de como são

possíveis juízos sintéticos *a priori* antropológicos. Entretanto, nesses cursos encontramos diferentes reflexões sobre a questão do caráter e acerca do funcionamento das faculdades cognitivas. Louden (Cf. 2011) concorda em parte com Brandt, pois ele defende que a antropologia pragmática é potencialmente uma antropologia moral, na medida em que nos permite utilizar o nosso conhecimento acerca da natureza humana segundo fins morais. Ainda conforme ele, a noção de natureza humana é concebida a partir dos efeitos fenomênicos da liberdade no mundo sensível. Isso dito nas palavras dele, “a antropologia pragmática estuda os efeitos fenomênicos da liberdade humana no mundo empírico, não as supostas origens não empíricas dela.” (Louden, 2011, p. 81) Isto significa que, para Louden e Brandt a antropologia pragmática é uma ciência empírica.

Feitas as observações acima, poderíamos afirmar que tanto os cursos *Geografia física* quanto os de *Antropologia* são concebidos como ciências empíricas, pois ambas são tematizadas a partir da experiência e não oferecem nenhum princípio *a priori* nem à moralidade e nem à filosofia teórica. Mas, ao afirmamos isso não resolvemos a questão proposta nesta subseção do nosso texto, que é diferenciar as instruções de *Geografia física* das de *Antropologia* como sugerido por Kant na carta enviada a Herz em 1773. (Cf. *Br 10*:145-146) Diferentemente de Brandt, Perez argumenta que a noção de antropologia pragmática faz parte da filosofia transcendental e sobre isso, ele afirma o seguinte:

O conhecimento pragmático, que se desenvolve na antropologia a partir da proposição *o ser humano é um cidadão do mundo*, é de tal tipo que permite reconhecer aquilo que obstaculiza ou propicia a realização da lei moral. Nesse sentido, não é um conhecimento teórico, tal como seria um conhecimento das fibras ou da corrente sanguínea do corpo humano, mas um conhecimento do homem que pressupõe o conceito de liberdade, quer dizer, um tipo de conhecimento baseado na condição de uma causalidade livre do ser humano como alguém capaz de levar adiante ou não a realização da lei moral no mundo. Assim, a relação entre o conceito ser humano (homem) e o conceito cidadão do mundo ou fim último não conforma em modo nenhum uma proposição empírica, mas pertencente ao domínio prático. (Perez, 2010, p. 17)

Perez indica que a antropologia pragmática não é a ciência dos objetos dos sentidos, senão uma ciência prática. Para justificar a sua leitura, ele utiliza a definição de cidadão do mundo elabora por Kant no parágrafo 28 da *Doutrina da virtude* da *Metafísica dos Costumes*. Nessa obra, Kant escreveu o seguinte:

Uma vez que aquilo que foi produzido é uma pessoa e é impossível conceber a produção de um ser dotado de liberdade mediante uma operação física, é uma ideia totalmente correta e também necessária considerar, sob um ponto de vista prático, o ato de procriação como aquele mediante o qual pusemos

uma pessoa no mundo, sem o seu consentimento, e a trouxemos arbitrariamente a ele, fato pelo qual recai então sobre os progenitores a obrigação de, na medida das suas forças, conseguir que a criança esteja satisfeita com essa sua condição. – Não podem destruir o seu filho como se fora um artefato por si produzido (pois que isso não o pode ser um ser dotado de liberdade) ou com sua propriedade, nem tampouco abandoná-la à sua sorte, pois que com ele não foi apenas um ser do mundo que pra cá trouxeram, mas um cidadão do mundo, condição essa que, atendendo também a conceitos jurídicos, não lhes pode, pois, ser indiferente. (MS 6:281)

De acordo com Kant, o ato físico de conceber um filho não nos permite tê-lo como um objeto, pois em sentido prático a criança é um ser dotado de liberdade, por essa razão os pais possuem a obrigação de prover à existência dela, o que não lhes permitem tê-lo como um objeto. Por esse motivo, o filho é um membro da humanidade, logo ele não pode ser reduzido ao estado de uma coisa, o que justificaria o direito de posse do pai em relação ao seu filho. Observado isso, o nascimento biológico é insuficiente para explicar como o homem pode ser dotado de liberdade, pois o nascimento é um conceito insuficiente para fundamentar a ideia de humanidade. Segundo Kant, o homem nasce livre, pois na doutrina do direito natural, a liberdade é uma condição imprescindível, uma vez que ela é condição da admissibilidade do contrato social (MS 6:238). Além disso, o nascimento também não demarca apenas a existência física de um ser humano, pois ele é mais do que isso, ele simboliza o surgimento de um cidadão do mundo, porque o ser humano tem o direito a posse comum da Terra. Dito de outro modo, o predicado cidadão do mundo, em sentido jurídico, sinaliza o direito do homem em exercer a posse comum da Terra. De acordo com Kant, “todos os homens estão originariamente na posse em comum do solo da Terra inteira (*communio fundi originaria*), (cada um) com a vontade, que lhes assiste por natureza, de o usar (*lex iusti*).” (MS 6:267) Assim, todos os seres humanos possuem uma igualdade inata, que é o direito de exercer uma posse comum do solo da Terra. Deste modo, a lei que reparte o meu e o teu decorre de uma norma jurídica fundamentada pelo direito natural.

Feitas essas observações, para Perez a antropologia pragmática investiga o que obstaculiza e fomenta a realização da lei moral pelos seres racionais dotados de vontade finita. Mas, diferentemente de Louden (Cf. 2011) que defende que ela investiga os efeitos fenomênicos da liberdade, Perez afirma que o problema central da antropologia pragmática é demonstrar que a proposição *o ser humano é um cidadão do mundo* é sintética *a priori* prática. Dito isso nas palavras do autor:

1. A proposição *o ser humano é um cidadão do mundo* não é uma proposição que possa ser constatada na experiência, ela é então necessariamente *a priori*.

2. Como não podemos deduzir analiticamente o predicado *cidadão do mundo* do sujeito *ser humano* a proposição é necessariamente sintética.
3. Como o conceito *cidadão do mundo* não é um conceito teórico nem meramente heurístico e, portanto, a proposição que conforma não tem cabimento no domínio teórico, só pode pertencer necessariamente ao domínio prático. Esta pertença ao domínio prático possui o mesmo estatuto que a proposição do direito *isto é meu* ou que a proposição da história *a espécie humana tende para o melhor*. (Perez, 2010, p. 17)

Primeiramente, pretendemos indicar, que concordamos com a tese defendida por Perez (Cf. 2010), pois a proposição *o homem é cidadão do mundo* é sintético *a priori* prático, dado que o predicado *cidadão do mundo* não é derivado analiticamente do sujeito e também não é um conceito heurístico, ao invés disso denota um sujeito moral dotado de liberdade, que deve ser um fim em si mesmo (fim último), e possui o direito de exercer a posse comum da Terra. Todavia, o predicado *cidadão do mundo* não é derivado analiticamente nem da ideia de homem e nem da ideia de lei moral, mas estabelece uma relação sintética com essas.

O problema central da antropologia pragmática é demonstrar de que maneira a proposição *o homem é cidadão do mundo* é sintética *a priori* prática, logo surge a seguinte questão: qual é a questão fundamental dos cursos de *Geografia física*? Como já indicado aqui, os cursos de Antropologia e de Geografia física são instruções preliminares do conhecimento do mundo, logo queremos indicar que a questão nesses cursos é demonstrar a validade da proposição *o homem é habitante da Terra*. É importante ressaltar, que apesar de não encontrarmos essa proposição de forma literal na obra kantiana, nós a inferimos de três pontos: primeiro, da ideia de mundo como a integralidade dos seus habitantes; segundo, da ideia de método dos cursos de *Geografia física*, pois a *descrição física* procura descrever os seres vivos a partir do lugar que os mesmos ocupam no nosso planeta; terceira, da distinção da descrição física da história natural, uma vez que a última visa narrar a história das transformações dos seres vivos e a primeira como eles são agora no lugar que os encontramos na Terra.

Como dito acima, a proposição fundamento dos cursos de *Geografia física* é a seguinte: *o ser humano é habitante da Terra*. Entretanto, diferentemente da proposição *o ser humano é cidadão do mundo*, que é sintética prática *a priori*, não podemos afirmar a mesma coisa acerca da proposição *o homem é habitante da Terra*, pois ela é uma proposição sintética *a posteriori* teórica. É importante observar que todos os juízos da experiência são juízos sintéticos, pois o predicado não pode ser derivado analiticamente do sujeito através dos princípios de contradição e de identidade. Segundo Kant, a diferença entre os juízos *a priori* e *a posteriori* trata das fontes do conhecimento, o último tipo de juízo é fundamentado pela experiência, o que não

ocorre no primeiro tipo. Por exemplo, o juízo *os corpos são pesados*, o predicado pesado não é derivado analiticamente do sujeito corpo, pois ele acrescenta algo ao sujeito que é o peso, mas que tal pode variar de acordo com a gravidade. Um corpo qualquer na Terra possui um peso X, mas caso tal corpo se encontra na Lua haverá uma alteração no seu peso por causa da gravidade, logo essa proposição depende de certas circunstâncias empíricas, o que não ocorre com os juízos *a priori*. (KrV B3) Neste sentido, o predicado cidadão do mundo atribui à ideia de ser humano características que não podem ser derivadas analiticamente dela, que são as diferentes formas de comércio, de organização política e religiosa, temperamento e caracteres.

Para entendermos melhor a especificidade da problemática desenvolvida por Kant em seus cursos de Geografia física, citamos o que ele compreendida por essa disciplina:

Mas note-se: cada experiência exterior apresenta-se ou como narrativa [*Erzählung*], ou como descrição [*Beschreibung*]. A primeira é uma história [*Geschichte*], a outra uma geografia [*Geographie*]. A descrição de um lugar [*Ort*] singular da Terra chama-se topografia. Por conseguinte, a corografia significa a descrição de uma região [*Gegend*] e suas especificidades. A orografia, descrição desta ou daquela montanha. A hidrografia, descrição das águas. Observação: O discurso aqui é então o do conhecimento do mundo, logo, de uma descrição do conjunto da Terra. O nome geografia [*Geographie*] não será tomado aqui, portanto, em nenhum significado diferente do habitual. (PG 9:159)

Kant compreende por geografia a descrição da Terra em seu conjunto, porque, primeiro, esses cursos fazem parte do conhecimento do mundo e, segundo, ele não visava descrever uma região específica do mundo, mas ele em sua totalidade. Como já dito aqui, a ideia de mundo (Terra) desenvolvida em *Physische Geographie* é transcendental, na medida em que significa a totalidade absoluta do conjunto das coisas existentes, o que é possível mediante a integridade da síntese. Dito isso, podemos afirmar que a geografia descreve a Terra em sua totalidade, pois não a descreve como um agregado de partes em todo, mas sim na sua integridade. Para delimitar com precisão de que forma essa descrição ocorreria, Kant delimita a especificidade das proposições geográficas da seguinte forma:

A geografia se refere aos fenômenos que, em relação ao espaço, acontecem ao mesmo tempo [*zu gleicher Zeit*]. Conforme os diferentes objetos, com os quais a última se ocupa recebe ela diferentes nomes. Por conseguinte, chama-se logo geografia física, matemática, política, moral, teológica, literária ou mercantil. (PG 9:161)

Nessa citação, Kant delimita o critério semântico de satisfabilidade das proposições geográficas, assim, uma sentença somente é verdadeira se os elementos que a compõem remeterem para objetos dados no espaço ao mesmo tempo. Por exemplo,

ao investigar as diferentes manifestações religiosas existentes no planeta Terra, Kant não construíra uma história das religiões, ao invés disso, ele investigara as diferentes manifestações religiosas que ocorrem ao mesmo tempo no mundo, por isso, que a descrição proposta nessa disciplina não é apenas de um povo ou região da Terra, mas uma descrição dela na integridade da sua totalidade. Deste modo, ao afirmarmos que o homem é habitante da Terra, estamos destacando que ele possui diferentes religiões, formas de governo e comerciais. Isso é possível, porque uma proposição geográfica somente é satisfazível se se referir aos objetos dados no espaço, mas problematizados ao mesmo tempo.

Recapitulando, a diferença dos cursos de *Geografia física* dos cursos de *Antropologia* diz respeito ao tipo de proposição, nos primeiros cursos elas são sintéticas *a posteriori* e no segundo são sintéticas *a priori* práticas. De acordo com Kant, o método da Geografia física é a descrição física, porque essa proposta metodológica nos permite explicar as diferenças de temperamentos, hábitos, costumes e religiões existentes na humanidade, uma vez que essas características geográficas estão relacionadas com o lugar que os homens ocupam na Terra. Deste modo, ao considerar o mundo como a totalidade das coisas e não como um agregado delas, isso nos permite investigar os seres existentes a partir do lugar que os mesmos habitam na Terra. Por essas razões, defendemos que a proposição *o ser humano é habitante da Terra* é sintética *a posteriori* teórica, dado que a validade desse enunciado depende de certas circunstâncias empíricas, que são determinadas pelas condições geográficas e climáticas em qual certo povo vive.

Conclusão

Acima afirmamos que o curso de *Geografia física* é composto por proposições sintéticas *a posteriori* teóricas e, que isso é o que o diferencia dos cursos de *Antropologia*. Assim, defendemos que a proposição fundamental da Geografia física é *o ser humano é habitante da Terra*, que é um juízo da experiência, pois depende de certas circunstâncias empíricas para sua validade. Além disso, também delimitamos o critério de satisfabilidade das proposições geográficas, que é o seguinte: A geografia se refere aos fenômenos que, em relação ao espaço, acontecem ao mesmo tempo [*zu gleicher Zeit*]. Por esse motivo, Kant afirma que a geografia física é um esboço geral da natureza, na medida em que constitui todas as demais geografias possíveis. Acerca disso, ele escreveu isto:

1. A geografia matemática, na qual será tratada a forma, o tamanho e o movimento da Terra, assim como suas relações para com o sistema solar no qual ela se encontra.
2. A geografia moral, que tratará dos diferentes costumes e

caráter dos homens nas diferentes regiões. [...] 3. A geografia política. Se o fundamento primeiro de uma sociedade civil for uma lei universal assim como uma força coercitiva quando de sua transgressão, as leis se reportarão igualmente tanto à constituição do solo quanto a dos habitantes. Assim, a geografia política igualmente faz parte disso, ao mesmo tempo em que se fundamenta inteiramente na geografia física. [...] 4. A geografia mercantil. Se um país da Terra tem em superabundância aquilo que outro carece inteiramente, assim, através do comércio no mundo inteiro será obtido um estado mais uniforme. Aqui precisará ser mostrado, portanto, o porquê e onde um país tem em superabundância aquilo de que outro carece. Mais do que qualquer coisa, o comércio aperfeiçoou os homens e fundou suas relações mútuas. 5. A geografia teológica. Na medida em que, quando se muda de lugar, os princípios teológicos frequentemente se modificam em pontos essenciais, é preciso fornecer aí as informações necessárias. Compare-se somente, por exemplo, a religião cristã do Oriente com a do Ocidente e, aqui como lá, suas nuances mais sutis. Isto sobressai ainda mais nitidamente quando se comparam religiões essencialmente diferentes a partir de seus fundamentos. (PG 9:164-165)

Parafraseando o autor, a geografia física é o fundamento das outras geografias possíveis, pois a descrição física nos permite constatar que seres iguais que habitam lugares diferentes possuem diferentes temperamentos, costumes, leis, comércios e religiões. Em vista disso, é importante observar que as transformações fisiológicas causadas pelas migrações dos seres vivos é tema da história natural e a geografia física ocupa-se da descrição dos seres existentes a partir do lugar que os mesmos habitam no nosso planeta. Como já dito aqui, em uma proposição sintética o predicado deve acrescentar algo ao sujeito, pois o mesmo não é derivado analiticamente do sujeito a partir do princípio da contradição. Além disso, também dissemos que diferentemente de uma proposição sintética *a priori*, a validade da proposição sintética *a posteriori* é dada por certas circunstâncias empíricas, que neste caso são delimitadas pelas condições geográficas nas quais os seres humanos vivem.

Acima apresentamos cinco possíveis geografias segundo Kant, que são a geografia matemática, moral, política, mercantil e teológica, apesar do aparente antagonismo delas, nós podemos alinhá-las a partir da seguinte ideia: todas são determinadas pelas características geográficas nas quais os seres humanos vivem. Para validar esse argumento, Kant avalia a possibilidade da Geografia moral através do tema do parricídio no Japão e na Lapônia. No Japão, o parricídio é crime punido com a morte, mas, no caso Lapônia, é dever do filho matar o pai, caso o mesmo se fira na caça, pois isso é considerado uma demonstração de amor e fidelidade do filho com o pai e vice-versa. Se analisarmos essa situação a partir do imperativo categórico, logo o princípio motivador da mesma não pode tornar-se um princípio de uma legislação

universal. Mas, se analisarmos a partir da perspectiva da *Geografia física*, as condições climáticas e geográficas da Lapônia justificam as razões do parricídio, que não ocorre no caso do Japão.

Por fim, defendemos que a proposição fundamental dos cursos de Geografia física é: o ser humano é habitante da Terra. Ao analisarmos essa proposição, concluimos que o predicado habitante da Terra não pode ser derivado analiticamente do sujeito homem, por duas razões: primeira, essa proposição é um juízo da experiência; segunda, pelo motivo anterior, a validade desse enunciado depende de inúmeras situações empíricas, as quais nós podemos constatar a partir do método da descrição física, por exemplo, a questão do parricídio acima apresentada. Feitas essas observações, concordamos com Cohen (Cf. 2009) na medida em que ao alinharmos os cursos de geografia física e os cursos antropologia, especificamente considerando a segunda parte da obra *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, os cursos de geografia física não é uma forma de conhecer o interior do homem pelo exterior, ao invés disso ele procura conhecer o homem como uma coisa no mundo. Neste sentido, podemos afirmar que a antropologia pragmática visa conhecer o homem como cidadão do mundo e a geografia física como habitante da Terra.

Referências bibliográficas

Kant, I. (1900). *Gesammelte Schriften*. Vol. 1-22 Preussische Akademie der Wissenschaften (ed.), vol. 23 Deutsche Akademie der Wissenschaften zu Berlin (ed.), vol. 24 e ss. Akademie der Wissenschaften zu Göttingen (ed.). Berlin.

AA	Akademie-Ausgabe
KrV	Kritik der reinen Vernunft (zu zitieren nach Originalpaginierung A/B)
GMS	Grundlegung zur Metaphysik der Sitten (AA 04)
KU	Kritik der Urteilskraft (AA 05)
Anth	Anthropologie in pragmatischer Hinsicht (AA 07)
PG	Physische Geographie (AA 09)
Log	Logik (AA 09)
Br	Briefe (AA 10-13)
Refl	Reflexion (AA 14-19)
Colleg	Collegentwürfe aus den 80er Jahren (AA 15)

Adickes, E. (1911). *Untersuchungen zur Kants physische Geographie*. Tübingen: Mohr.

Adickes, E. (1925). *Kant als Naturforscher*. vol. II. Berlin: W. De Gruyter & CO.

- Arnoldt, E. (1894). *Kritische Excursus im Gebiete der Kant-Forschung*. Königsberg: F. Beyer.
- Brandt, R. (1999). *Kommentar zu Kants Anthropologie*. Hamburg: Felix Meiner Verlag GmbH.
- Cohen, A; et. al (2009). *Kant and the human sciences: biology, anthropology and history*. Londres: Palgrave Macmillan.
- Hinske, N. (1996). *Lebenserfahrung und Philosophie*. Stuttgart-Bad Cannstatt: frommann-holzboog.
- Kant, I. (1831). *Immanuel Kant's Menschenkunde: oder philosophische Anthropologie*. Stark, F. Leipzig: Die Expedition des europäischen Aufsehers.
- Kant, I. (1980). *Crítica da razão pura*. Tradução de V. Rohden e U. B. Moosburger. São Paulo: Abril.
- Kant, I. (2003). *Crítica da razão prática*. Tradução de V. Rohden. São Paulo: Martins Fontes.
- Kant, I. (2005). *Crítica da Faculdade do Juízo*. Tradução de V. Rohden e A. Marques. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universidade.
- Kant, I. (2003). *Prolegômenos a toda a metafísica futura*. Tradução de A. Morão. Lisboa: Edições 70.
- Kant, I. (2005). “Sonhos de um visionário explicados por sonhos da metafísica”. In: *Escritos pré-críticos*. Tradução de J. Beckenkamp. São Paulo: Editora Unesp.
- Kant, I. (2006). *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. Tradução de C. Aparecida Martins. São Paulo: Editora Iluminuras.
- Kant, I. (2004). *O único argumento possível para uma demonstração da existência de Deus*. Tradução de Carlos Morujão. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Kant, I. (2010) “Das diferentes raças humanas”, *Kant e-Prints*. Tradução de A. Hahn. Campinas, Série 2, v. 5, n. 5, pp. 10-26.
- Loparic, Z. (2005). *A semântica transcendental de Kant*. Campinas: UNICAMP, Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência.
- Louden, R. (2000). *Kant's Impure Ethics*. New York: Oxford University Press.
- Louden, R. (2011). *Kant's human being: essays on his theory of human nature*. New York: Oxford University Press.
- Louden, R. (2003). “The second part of morals”. In: *Essays on Kant's Anthropology*. New York: Cambridge University Press, pp. 60-84.
- Perez, D. (2010). “A proposição fundamental da antropologia pragmática e o conceito de cidadão do mundo em Kant”. In: *Um Filósofo e a Multiplicidade de Dizeres*. Coleção CLE, v. 57.

- Perez, D. (2009). “A antropologia pragmática como parte da razão prática em sentido kantiano”, *Manuscrito – Revista Internacional de Filosofia*, v. 32, n. 2, pp. 357-397.
- Perez, D. (2010). “O significado de natureza humana em Kant”, *Kant e-Prints*, v. 5, n. 1, pp. 75-87.
- Perez, D. (2013). “A relação entre a teoria do juízo e a natureza humana em Kant”, *Educação e Filosofia*, v. 27, n. especial, pp. 233-258.
- May, J. (1970). *Kant’s concept of geography and its relation to recent geographical thought*. Toronto: University of Toronto Press.
- Santos, L. (1995). *Metáforas da razão ou economia poética do pensar kantiano*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Junta nacional de investigação científica e tecnológica.
- Santos, L. (2012). “A formação do pensamento biológico de Kant”. In: *Kant e a biologia*. São Paulo: Barcarolla.
- Vollmer, J. (1802-1805). *Physiche Geographie nach Kantischen Ideen*. Mainz und Hamburg.
- Zammito, J. (2002). *Kant, Herder and the birth of Anthropology*. Chicago: The University of Chicago Press.